

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8  
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM  
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:  
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).

  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

 CITCEM  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

 PORTO  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 museu  
MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL



# Índice

- 15 Prefácio  
José Morais Arnaud

## **1. Historiografia e Teoria**

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)  
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?  
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004  
Vitor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas  
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino  
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal  
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes  
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*  
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves  
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

## **2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património**

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia  
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas  
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização  
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Ruprestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde  
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)  
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalho
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo  
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis  
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos  
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica  
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche  
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo  
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial  
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem  
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional  
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

### **3. Didáctica da Arqueologia**

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente  
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!  
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico  
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável  
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia  
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades  
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente  
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)  
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia  
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)  
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático  
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também. . . O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia  
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia  
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia  
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu  
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

#### **4. Arte Rupestre**

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal  
Míla Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso  
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa  
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa  
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)  
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009  
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal  
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo  
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar  
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar  
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

## 5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos  
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional  
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira  
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG  
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa  
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica  
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I  
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo  
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira  
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo  
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)  
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)  
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)  
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.  
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)  
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho  
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio  
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarida Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território  
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018  
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967  
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem  
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos  
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

## 6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão  
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado  
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média  
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis  
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)  
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste  
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final  
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde  
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto  
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga  
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual  
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação  
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado  
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro  
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional  
Francisco B. Gomes

## 7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização  
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?  
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas  
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves  
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro  
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica  
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação  
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização  
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico  
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)  
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização  
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego  
Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa  
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):  
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado  
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,  
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar  
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir  
de um estudo de caso  
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termas de *Mirobriga*  
(Santiago do Cacém)  
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária  
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte  
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval  
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)  
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016  
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole  
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)  
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /  
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia  
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus  
(Vila Nova de Gaia)  
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na  
Antiguidade Tardia  
Virgílio Lopes

## 8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas  
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /  
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /  
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média  
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII  
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica  
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica  
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas  
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão  
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD  
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)  
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela  
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense  
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal  
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média  
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém  
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)  
Florbela Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa  
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade  
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

## **9. Época Moderna e Contemporânea**

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas  
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa  
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa  
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos  
(Lisboa)  
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos  
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa  
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)  
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)  
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana  
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)  
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia  
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa  
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho  
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI  
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças  
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal  
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção  
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos  
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha  
do Alferes, Seixal (século XVI)  
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa  
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures  
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa  
de Época Moderna  
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos  
humanos recuperados  
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica  
na Rua da Vitória nº 15 a 17  
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna  
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT  
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia  
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel  
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário  
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário  
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo  
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA  
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial  
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras  
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico  
Xurxo Ayán Vila / José M<sup>a</sup>. Señorán Martín

# TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA CIDADE VELHA (RIBEIRA GRANDE DE SANTIAGO, CABO VERDE): REFLEXÕES SOBRE UM PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO E DIVULGAÇÃO PATRIMONIAL

André Teixeira<sup>1</sup>, Jaylson Monteiro<sup>2</sup>, Mariana Mateus<sup>3</sup>, Nireide Tavares<sup>4</sup>, Cristovão Fonseca<sup>5</sup>, Gonçalo C. Lopes<sup>6</sup>, Joana Bento Torres<sup>7</sup>, Dúnia Pereira<sup>8</sup>, André Bargão<sup>9</sup>, Aurélie Mayer<sup>10</sup>, Bruno Zélie<sup>11</sup>, Carlos Lima<sup>12</sup>, Christelle Chouzenoux<sup>13</sup>, Inês Henriques<sup>14</sup>, Inês Pinto Coelho<sup>15</sup>, José Lima<sup>16</sup>, Patrícia Carvalho<sup>17</sup>, Tiago Silva<sup>18</sup>

## RESUMO

Entre 2018 e 2020 decorreram trabalhos arqueológicos na Cidade Velha, a antiga capital de Cabo Verde, que prosperou entre os séculos XVI e XVII como entreposto atlântico do comércio de escravos e base de apoio à navegação oceânica. As escavações incidiram sobre dois locais: um contexto habitacional numa das suas principais artérias, a rua da Banana, e num dos mais antigos espaços de culto do arquipélago, a igreja de Nossa Senhora do Rosário. Estas intervenções permitiram recolher novos dados sobre o urbanismo e espaços de *habitat* da antiga cidade aquando do seu abandono no século XVIII, bem como sobre a configuração daquela estrutura religiosa. A investigação articulou-se com o programa educativo do Museu de Arqueologia, de Cabo Verde.

**Palavras-chave:** Urbanismo, Arquitectura religiosa, Casas, Idade Moderna, Educação patrimonial.

- 
1. Departamento de História e CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa; [texa@fcs.unl.pt](mailto:texa@fcs.unl.pt)
  2. Instituto do Património Cultural, [mjaylson95@gmail.com](mailto:mjaylson95@gmail.com)
  3. CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa; [marianacpsmateus@gmail.com](mailto:marianacpsmateus@gmail.com)
  4. Instituto do Património Cultural; Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; [nireidapereira.cv@hotmail.com](mailto:nireidapereira.cv@hotmail.com)
  5. CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa; [crisovaofonseca@gmail.com](mailto:crisovaofonseca@gmail.com)
  6. CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa; [goncaloncs@gmail.com](mailto:goncaloncs@gmail.com)
  7. CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa; [joanabtorres@gmail.com](mailto:joanabtorres@gmail.com)
  8. Instituto do Património Cultural; [duniapereira79@gmail.com](mailto:duniapereira79@gmail.com)
  9. CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa; [andre bargao@gmail.com](mailto:andre bargao@gmail.com)
  10. Éveha – Études et valorisations archéologiques; [aurelie.mayer@eveha.fr](mailto:aurelie.mayer@eveha.fr)
  11. Éveha – Études et valorisations archéologiques; [bruno.zelie@eveha.fr](mailto:bruno.zelie@eveha.fr)
  12. Instituto do Património Cultural, [conser-rest.lima@outlook.com](mailto:conser-rest.lima@outlook.com)
  13. Éveha – Études et valorisations archéologiques; CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa; [krist\\_aile@yahoo.fr](mailto:krist_aile@yahoo.fr)
  14. CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa; [ineshenriques95@gmail.com](mailto:ineshenriques95@gmail.com)
  15. CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa; [inesalexandrapinto@gmail.com](mailto:inesalexandrapinto@gmail.com)
  16. Instituto do Património Cultural; [joselima1995@hotmail.com](mailto:joselima1995@hotmail.com)
  17. CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa; [patriciasanchescarvalho@gmail.com](mailto:patriciasanchescarvalho@gmail.com)
  18. CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa; [toiago@gmail.com](mailto:toiago@gmail.com)

## ABSTRACT

Between 2018 and 2020, archaeological work took place in Cidade Velha, the former capital of Cape Verde, which flourished amid the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> centuries as an Atlantic trading post for the slave trade and a support base for the ocean navigation. The excavations focused on two sites: a housing context in one of its main arteries, Rua da Banana, and the other on one of the oldest religious spaces in the archipelago, the church of Nossa Senhora do Rosário. These archaeological interventions made it possible to collect new data on the urbanism and habitat areas of the old city, when it was abandoned in the 18<sup>th</sup> century, as well as on the configuration of that religious structure. The investigation was linked to the educational program of the Museum of Archaeology, of Cape Verde.

**Keywords:** Urbanism, Religious architecture, Houses, Early Modern Age, Heritage education.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente texto sintetiza os resultados dos trabalhos arqueológicos realizados na Cidade Velha, a antiga Ribeira Grande, principal núcleo urbano de Cabo Verde durante os primeiros dois séculos de ocupação do arquipélago sob domínio português. Fundada em 1462, perdeu o estatuto de capital sede de bispo em 1769, mais de um século depois do início da sua decadência, resultante da perda de importância como centro redistribuidor de escravos entre a África e a América e base de apoio à navegação atlântica, em favor dos estabelecimentos nos rios da Guiné e da própria cidade da Praia, com melhores condições portuárias e de salubridade (ver Cabral, 1995).

As escavações decorreram em três campanhas, de 13 a 31 de Agosto de 2018, de 13 a 31 de Janeiro de 2019 e de 6 a 17 de Janeiro e 3 a 14 de Fevereiro de 2020. Realizaram-se no âmbito do projecto *CONCHA: The construction of early modern global cities and oceanic networks in the Atlantic: an approach via ocean's cultural heritage*, financiado ao abrigo do Programa H2020, no âmbito das acções Marie Skłodowska Curie Actions: Research and Innovation Staff Exchange (RISE) sob o GA n.º 777998, envolvendo investigadores portugueses, cabo-verdianos e franceses e, institucionalmente, o Instituto do Património Cultural, de Cabo Verde, e o CHAM – Centro de Humanidades, de Portugal, através de protocolo entretanto firmado.

Os trabalhos tiveram quatro objectivos fundamentais (Figura 1). Em primeiro lugar, realizar uma acção de investigação, através de escavação arqueológica, num contexto habitacional, neste caso localizado na intersecção entre a rua Direita e a rua da Banana da Cidade Velha. Efectivamente, existiam já intervenções neste espaço em igrejas (Amaro, 2012; Evans, Sørensen & Richter, 2012), complexos de ordens

religiosas (Cáceres & De Juan, 2002) e fortificações (De Juan & Cáceres, 2002), pelo que nos pareceu importante obter outro tipo de registo arqueológico. Destaque ainda para os importantes acompanhamentos realizados anteriormente em várias ruas do burgo, que forneceram importantes pistas para a compreensão do espaço urbano (Sørensen, Evans & Richter, 2011), entre outras iniciativas (síntese da arqueologia na cidade em Tavares, 2017). Em segundo lugar, foi nosso objectivo acompanhar arqueologicamente a empreitada de reabilitação e conservação da igreja da Nossa Senhora do Rosário, aproveitando para recolher dados e simultaneamente fornecer informações nesta acção levada a efeito pelo Instituto do Património Cultural. Em terceiro lugar, realizaram-se uma série de acções de educação e sensibilização patrimonial junto dos alunos das escolas da ilha de Santiago, através da divulgação dos trabalhos arqueológicos e da própria disciplina, em articulação com Museu de Arqueologia, da Praia. Por fim, no quadro da pesquisa de colegas historiadores sobre a sociedade insular, procedeu-se ao registo individual e leitura epigráfica de lápides funerárias da Cidade Velha, tema que aqui não abordaremos.

De notar que, parte destas campanhas ocorreu em simultâneo com missões de arqueologia subaquática no âmbito do mesmo projecto, incluindo o levantamento de sítios arqueológicos, o registo de materiais no Museu de Arqueologia, bem como as mencionadas acções de educação patrimonial, pressupondo trabalho conjunto.

## 2. ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA NA RUA DA BANANA – RUA DIREITA

O primeiro núcleo urbano da Ribeira Grande constituiu-se junto ao porto, a partir de um largo central onde pontuava o pelourinho (que ainda se preser-

va), limitado a Nordeste por um edifício da Câmara (sensivelmente onde hoje se encontra a autarquia), a Sudoeste pelo ancoradouro e a baía e a Noroeste pelo lago existente no termo da ribeira de Maria Parda, que dava ao vale uma paisagem inusitadamente verdejante no quadro da ilha de Santiago, um dos motivos para a sua selecção como principal burgo do arquipélago. Apesar da escassez de investimentos da Coroa na Ribeira Grande até meados de Quinhentos, esta desenvolveu-se em função da sua actividade mercantil, alargando-se para a margem esquerda da ribeira, constituindo-se o bairro de São Pedro, onde pontuavam três ruas lineares tendencialmente paralelas – Direita, Carreira e Banana –, local de residência das individualidades mais abastadas, funcionários régios e principais vizinhos (Pires, 2007: 41, 45). A intervenção arqueológica deu-se no extremo setentrional da rua da Banana, numa pequena travessa que partia da rua Direita – que ladeava a margem direita da Ribeira – para Norte, em direcção à “casa da janela gótica”, um edifício que a tradição indica ter pertencido aos jesuítas, que possuíam efectivamente um “hospício” nas proximidades, junto da igreja de Nossa Senhora da Conceição. Os contornos desta artéria são ainda visíveis no tecido urbano, não obstante a área estar coberta de entulhos no espaço que medeia a área de escavação e a dita “casa da janela gótica”. O quarteirão, com um comprimento calculado em 315 palmos (69,3m) e uma largura de 90 palmos (19,8m) (Pires, 2007: 148), seguia o curso do beco da Majaja, que lhe ficava traseiro e que, na verdade, era um curso de água subsidiário da ribeira de Maria Parda, proveniente do lugar onde se veio a erguer o convento dos franciscanos.

Antes das escavações observavam-se, em terreno plano – ladeado por vegetação frondosa a Norte, pela ribeira a Sul, por habitações a Oeste e pelo referido beco da Majaja a Este –, três muros bem aparelhados [901, 902, 903] formando uma possível habitação, disposta ao longo da mencionada travessa (Figura 2). A estrutura preservava 6m de comprimento no muro que confinava com a via pública [901], sendo que, se o canto Noroeste se pode reconstituir, pela provável articulação com o muro que lhe é perpendicular [902], já para Sul é impossível determinar os seus limites e, assim, conhecer a extensão da habitação; assinala-se, porém, que os vestígios de derrube da estrutura se prolongavam para sudeste por 12,6m. Já quanto à largura, a distância entre o muro confinante com a travessa [901] e o de fundo da habitação

[903] é de 5,5m, o que constitui 5 varas na métrica da vara craveira, em uso durante o período baixo-medieval e moderno. Assim, a casa parece aproximar-se do padrão maior de áreas construídas da cidade, com 13,2x6,6m (Pires, 2007: 131-132). De referir que no interior desta provável casa e na cota actual existia um curral de porcos, erguido certamente há escassos anos com pedras irregulares sem argamassa, aproveitando o canto Nordeste das ruínas da habitação.

A intervenção arqueológica consistiu nas seguintes tarefas: abertura de uma sondagem a toda a largura das ruínas da referida casa, com 5,5mx1m, alargada em 2m nos 2m finais da extremidade Este; escavação da área a Este da presumível habitação, na direcção do beco da Majaja e em espaço que se julgava constituir as traseiras desta moradia, com 6x2,3m; verificando-se neste flanco a existência de novo muro paralelo à fachada [906], fez-se a escavação de uma sondagem com 2x2m no extremo Nordeste da área de intervenção (Figura 2).

Assim, os referidos muros paralelos, o confinante com a travessa [901] e o de fundo [903], tinham características idênticas (Figura 3): com 0,7m de largura, eram compostos por fiadas alternadas de pedras de média e grande dimensão, afeiçoadas apenas na face externa, ligadas por uma argamassa de cal, com muitas pequenas inclusões de seixos; em altimetria idêntica, observaram-se nos dois muros orifícios, seguramente para suporte de barrotes de madeira que suportavam um piso superior. Estamos, pois, face a uma casa de sobrado, como já se adivinhava pela mencionada espessura dos muros, um sinal da relevância social dos seus habitantes no momento de construção. De referir que a extremidade Noroeste de [901] tinha muito menor estruturação, sendo resultante por certo de reutilização recente da ruína (fig. 2). Além disso, [903] preservava reboco de cal no alçado Este, consolidado com argamassa. Quanto ao muro perpendicular a estes dois, a Norte, o [902], tinha apenas 0,57m de espessura, mas apresentava uma constituição idêntica; se a relação com [901] não se encontrava preservada, embora seja muito provável, a articulação com [903] era evidente.

A escavação da sondagem realizada entre estes muros revelou uma sucessão de estratos (Figuras 3 e 4) de sedimento humoso castanho pouco compacto, com linhas horizontais de pequenas pedras e seixos e espólio de época contemporânea: [101], [104], [105], [106] e [107]; interpretamo-los como torrentes fluviais ocorridas no último século e meio, após

o abandono desta habitação, que ao encontrarem nos seus destroços um obstáculo acabaram por se acumular aqui de forma sucessiva. Paralelamente, registaram-se estratos mais finos arenosos, soltos, homogêneos e mais claros, sem materiais arqueológicos [102, 103], que poderão corresponder a acumulação eólica. De facto, a ribeira de Maria Parda, embora seca na maior parte do ano e sendo fonte de vida nesta ilha inóspita, constituiu-se como condicionante do desenvolvimento urbano, obrigando a que a construção se afastasse do seu leito, para evitar as enxurradas (Pires, 2007: 100). Se tais fenómenos aconteceram seguramente na época de esplendor da cidade, obrigando os habitantes à limpeza de ruas e casas atingidas, é claro que prosseguiram após o seu abandono, desta feita sem que se tenha procedido à remoção de lamas e pedras, que assim se acumularam sobre as ruínas das antigas habitações. Este fenómeno só foi ultrapassado no final do século XX, com a regularização das margens da ribeira.

Sob estes estratos de escassa ocupação antrópica – basicamente materiais de escorrência conduzidos para este espaço em ruína – foi detectado um nível de derrube de sedimento homogêneo castanho-claro compacto, de grão fino, com presença de cal e de muitas pedras [109], onde se recolheu uma grande quantidade de azulejos seiscentistas (idênticos a outros já detectados em vários locais da cidade, conforme Almeida, 2018: 285), materiais em ferro, dois fragmentos de haste de cachimbo em caulino e bastante material de construção, como telhas, tijolos e ladrilhos, tudo espólio de época moderna. Sob esta camada identificou-se sedimento homogêneo castanho-escuro de grão médio, relativamente compacto [111], contendo artefactos domésticos classificáveis por espólio numismático como da segunda metade do século XVIII (5 reis de 1732 e 3 reis de 1764), além de abundante fauna, especialmente ictiológica, azulejos, cavilhas e pregos em ferro, interpretado como os vestígios da derradeira ocupação desta habitação, materiais perdidos antes do abandono. Por fim, foi detectada uma calçada em seixos de pequena e média dimensão [112], articulada com os muros em torno, que constituiu o derradeiro piso do andar térreo desta casa de sobrado. De referir que a altimetria deste nível de solo, face aos buracos de barrote verificados nos muros [901] e [903], é de 1,85m, altura do nível térreo da habitação. Estes espaços eram geralmente usados como zonas de armazenamento, trabalhos domésticos ou

residência de serviçais, reservando-se os pisos superiores para morada dos senhores da casa.

Quanto à intervenção realizada na zona Este desta habitação (Figuras 2 e 5), que se presumia constituir as suas traseiras, detectaram-se mais estruturas. Por um lado, a [904] que continuava para nascente o muro que limitava a casa a Norte [902], mas tendo a espessura dos muros da fachada [901] e de tardo [903], cerca de 0,7m, encontrando-se perfeitamente articulado com este último e tendo também idêntico aparelhamento. Verificou-se, porém, que [904] se prolongava apenas por 0,45m, inflectindo para Norte, no que poderá corresponder à continuidade desta área habitacional para este flanco, hipótese que não trabalhámos. Ainda assim, este muro [904] tinha um outro adossado, [905], que lhe dava continuidade para nascente (Figura 5), mas que corresponde seguramente a um acrescento face à primitiva estrutura; tinha um aparelho idêntico, a mesma composição com fiadas alternadas de pedras de menores e maiores dimensões, embora de forma mais irregular que os predecessores, além de menor espessura, apenas 0,59m. Encontrava-se também preservado a cota inferior, parecendo ter sido afeiçoado para dar lugar a um largo acesso. Por outro lado, foi descoberto o muro [906], já citado, paralelo aos de fachada [901] e tardo [903] da habitação, com 0,55m de espessura, encostando e sucedendo no tempo ao dito [905].

Assim, coloca-se a hipótese de uma primitiva estrutura ter sido composta pelos muros [901], [902], [903] e [904], basicamente uma casa de sobrado de formato rectangular, disposta ao longo da via pública e não perpendicular a ela, como era norma, embora seja possível que o lado mais curto confinasse com a rua Direita, podendo elevar-se aí a sua fachada. Esta estrutura podia ter continuidade noutra grande habitação para Norte (não sondada), pertencente ou não ao mesmo proprietário, mas erguida num mesmo momento e confinando também com aquela travessa. Para nascente estaria uma zona de quintal, nas traseiras da habitação, seguindo o padrão dos lotes da cidade e, aliás, do urbanismo português coevo. Recorde-se que a única cobertura de bom reboco de cal se preservou no alçado Este do muro de tardo da habitação, o [903], já que este confinaria com área a descoberto. Posteriormente, a conjugação dos muros [905] e [906] terá permitido o prolongamento da habitação para as traseiras, cerceando espaço de quintal. A escavação realizada entre estes dois últimos mu-

ros, não atingindo infelizmente os seus alicerces, permitiu detectar duas sucessões estratigráficas distintas (Figura 6). Entre os muros [903] e [906], o espaço conquistado à zona de numa segunda etapa desta área habitacional, verificou-se, após os estratos superficiais [201] e [202], um enorme derrube de pedras [250], não se logrando atingir a base deste estrato, alcançando-se apenas 1,2m de profundidade. É evidente que, ao contrário do que sucedeu no interior da parte mais antiga da casa, onde o grosso das pedras de colapso da estrutura foi removido, aqui tal não sucedeu, permanecendo este derrube como barreira para as enxurradas registadas após o abandono de todo o conjunto. Já para Este do muro [906], em zona que terá permanecido como quintal, verificou-se uma sucessão estratigráfica mais próxima da referida no interior da parte mais antiga da habitação: aos referidos estratos superficiais muito recentes, sucederam camadas de sedimento castanho humoso, pouco compacto, de grão médio, com escasso espólio contemporâneo [204] e [207], resultantes de torrente fluvial, e estratos com sedimentos arenosos soltos de grão muito fino, estéreis arqueologicamente [203], [205] e [206], possivelmente acumulações eólicas; o grande volume de pedras detectado nestes últimos pode corresponder a parcelas do derrube das estruturas da habitação. Segue-se um estrato com grande quantidade de argamassa, tijolos e pedras [208], um eventual piso toscamente concebido ou, mais provavelmente, fino nível de derrube. Por fim, observa-se um espesso estrato de sedimento castanho humoso, pouco compacto, de grão médio [209], novamente interpretado como torrente fluvial, contendo materiais arqueológicos Setecentistas. Este termina em nível com muitas pedras de pequena dimensão aparelhadas, provável piso coevo ao da habitação, entre as quais se vislumbrou um alinhamento conformando possível muro, que poderá corresponder a fase mais antiga de ocupação deste espaço (que não indagamos). Não estamos em crer que esta área fosse telhada, constituindo antes um quintal, mesmo após o alargamento da casa até ao muro [906], mas a escassez de dados arqueológicos não permite ir além da suposição.

Em suma, com estas escavações atingimos o derradeiro nível de ocupação desta casa da Ribeira Grande, abandonada provavelmente no último terço do século XVIII, distinguindo duas etapas de construção – uma primeira composta apenas por uma estrutura rectangular ao longo da travessa, outra aumen-

tando o espaço coberto em detrimento do quintal nas traseiras – cuja cronologia contudo não conseguimos apurar, já que não atingimos os respectivos alicerces. De assinalar que a cartografia do capitão-engenheiro António Carlos Andreis regista na versão de 1778 apenas o contorno do quarteirão, mas na de 1769 figura uma estrutura rectangular ao longo da travessa que une a rua Direita e a rua da Banana, assinalando que estava já em ruína; esta deverá corresponder à habitação cuja investigação arqueológica aqui iniciamos. Nestes mapas figuram-se a Este, depois do beco da Majaja, o edifício da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão, e a Oeste, depois da dita travessa, as casas de Domingos Espíndola e o edifício da Casa da Câmara, todos eles confinando com a rua Direita. A casa de sobrado em estudo devia, pois, pelas suas características e vizinhança, pertencer a um dos principais moradores da cidade, que a deixou logo após a transferência da capital para a Praia, acto simbólico que terá sido, porém, o golpe fatal na Ribeira Grande, a breve trecho apelidada de Cidade Velha.

### 3. O ACOMPANHAMENTO ARQUEOLÓGICO NA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

A igreja de Nossa Senhora do Rosário foi um dos primeiros e mais destacados edifícios públicos da cidade, apontando-se 1495 como possível ano da sua conclusão. Seria inicialmente uma pequena capela, que após várias ampliações veio dar origem à igreja que hoje é a principal do burgo (Pereira, 2009: 67). Refere-se que terá sido erguida com o concurso de africanos forros, sendo mais tarde instituída aqui uma confraria de “homens pretos” (Santos & Soares, 1995: 473). A erecção deste edifício de culto é coeva de outras realizações importantes: a igreja do Espírito Santo (que mais tarde terá sido renomeada com a evocação de Nossa Senhora da Conceição), que terá sido lançada entre 1466 e 1470 e seguramente concluída antes de 1502 (Santos & Soares, 1995: 376; Santos, 2015: 66-67), situada junto do referido hospício dos jesuítas e resgatada do esquecimento pela arqueologia (Evans, Sørensen & Richter, 2012); o hospital, já em construção em 1497, ano em que também já existia uma Câmara no burgo (Baleno, 1991: 136), ambos provavelmente situados no largo principal fronteiro ao mar, o primeiro onde mais tarde se veio a construir a Misericórdia com o respectivo

hospital, a segunda onde se ergueu depois a cadeia. Assim, não são conhecidos dados documentais relativos aos primeiros decénios da igreja de Nossa Senhora do Rosário, restando a análise dos vestígios construídos. Em termos gerais, são ainda válidos os apontamentos de Luís de Benavente, arquitecto que aqui se deslocou para proceder a projectos de restauro e que dirigiu obra neste edifício em 1969, num contexto propagandístico do regime colonial, então acochado pelas lutas de libertação (Mariz, 2013). Distinguiu claramente três grandes etapas de construção. A primeira, da segunda metade do século XV, seguindo o “gótico tardio”, incluiu a torre sineira e os dois arcos rasgados na parede Noroeste da igreja, bem como a abóboda da capela a que se acede a partir do primeiro destes arcos, junto da porta da fachada. Anota-se que desta cobertura não consta a esfera armilar, sendo a cruz de Cristo colocada em posição secundária, dando-se antes primazia à cruz de Avis; sentenciam-se que “nada da abóboda daquela capela é ainda manuelino”. A segunda etapa, da segunda metade do século XVI, coeva portanto do lançamento de outras grandes obras na cidade (Misericórdia, Sé), inspirada já em contexto “clássico”, incluiria a porta principal e as duas portas laterais da parede Sudeste, além das peças de cantaria que ladeiam a escada de acesso ao altar-mor – ou seja, o essencial da volumetria da igreja actual. Por fim, de época posterior, seria a escadaria de acesso ao altar, que reaproveitou lápides sepulcrais, entre outros elementos (ANTT, *Luís Benavente*, cx. 76, pasa 0535, doc. 3).

Relativamente àquela primitiva fase, outros defendem que a “capela lateral, sobre o qual se ergue a torre quadrangular (...), não deixa qualquer tipo de dúvidas que se trata de uma capela ao estilo tardo-gótico, mais especificamente de estilo manuelino, construída nos finais de Quatrocentos (Santos, 2015: 72). Também seria possível que esta tenha constituído a capela-mor do primitivo edifício de culto, que assim teria uma orientação perpendicular à actual, podendo também incluir o volume anexo de corpo cilíndrico, onde se inseriam as escadas de acesso à torre (Pires & Fernandes, 2010: 311). Menos sustentada é a hipótese de que a possante torre sineira tenha sido uma antiga torre defensiva da cidade, como parece revelar a volumetria de iconografia de 1655 e 1699, sendo inverosímil que o edifício servisse simultaneamente de espaço religioso e residência do capitão (Santos, 2015: 69). Também parece claro que, quando se estruturou o bairro de São

Pedro, já existia esta igreja, em cota superior à rua da Carreira, pelo que se intui que terá sido durante a primeira metade do século XVI que se estruturou o respectivo largo, “adaptando-o ao eixo da rua” (Pires, 2007: 120).

As nossas observações realizadas aquando da referida obra na igreja permitem-nos aventar algumas hipóteses, não obstante os limites da nossa intervenção e sem grandes considerações no campo da história da arte. Assim, o segundo arco ogival da igreja encontrava-se efectivamente emparedado antes desta intervenção, especulando-se se seria uma entrada, ou antiga sacristia (Santos, 2015: 73), embora no final anos de 1960, durante a missão de Benavente, o compartimento tenha sido registado em planta. A desobstrução deste espaço permitiu reconhecer tratar-se de uma segunda capela (fig. 7). Esta estrutura estava limitada por quatro paredes que a conformavam um rectângulo de 4,3m de comprimento (do arco ao tardo) e 4m de largura: a da entrada a Sudeste, onde se notava um claro acrescento em altura correspondente à nave principal da igreja; a do altar a Noroeste, mais exposta aos desprendimentos rochosos que afectaram a capela; a parede que a fechava a Nordeste e que permaneceu como limite da actual sacristia; e a parede a Sudoeste, relativamente bem preservada, mas com a altura afectada pela falta de estruturas de sustentação a ladeá-la. Tanto a parede Sudeste, como a Nordeste e Noroeste parecem estar construtivamente articuladas. A excepção parece ser a parede Sudoeste que se encosta ao aparelho das paredes Sudeste e Nordeste. Provavelmente, no momento de construção da nave central da igreja apenas as paredes Sudeste e Nordeste foram alteadas.

Os trabalhos de escavação começaram pela remoção dos escombros das respectivas paredes e telhado, mas sobretudo deslizamentos de sedimentos e pedras da arriba setentrional da cidade [700], idênticos aos encontrados naqueles restauros do século XX (Mariz, 2013: 4); foram recolhidos materiais de construção pertencentes a esta campanha de obras. Atingido e escavado um nível de deposição mais fina [702], detectou-se a base do altar [731], adossado e a meio da parede Noroeste da capela, que confina com o exterior, circundado por um pavimento em tijolo cobrindo sensivelmente metade do recinto da capela [730] (Figura 8). De assinalar que, no canto Norte da capela, existia um grande bloco pétreo, que foi estruturado com pedras e argamassa (de que res-

tam escassos vestígios) formando um volume quadrangular, hipotética base de armário para guardar objetos religiosos.

Relativamente ao altar identificam-se, na realidade, duas fases nesta estrutura: o primitivo corresponde a um muro com 2,2m de comprimento e 0,42m de largura (duas varas por sensivelmente dois palmos, segundo a métrica da época), adossado à referida parede Noroeste da capela, constituído por pedra basáltica de pequena a média dimensão unida por argamassa de cal homogénea [731a]; o mais recente, resultante do espessamento do anterior, atingindo 2,2x1,1m (duas varas por uma vara), composto por pedras basálticas de média a grande dimensão, ligadas por sedimento fino solto e castanho, contendo telhas posicionadas em cutelo e fragmentos de azulejos hispano-mouriscos, observando-se num dos vértices a reutilização de uma pedra calcária chanfrada [731b]. Se o primeiro poderá corresponder à primitiva capela, o segundo reutiliza elementos suprimidos que lhe terão pertencido e com uma datação de finais do século XV ou início da centúria seguinte. Quanto ao piso [730], era na verdade uma plataforma sobrelevada da capela, visando dar maior nobreza ao altar, na sua última fase (Figura 8). Tinha 4,3x1,9m, sendo formado por tijolo burro rectangular (0,14x0,27x0,04m) disposto no sentido SE-NO, constituído por seis filas de seis tijolos em cada lado do altar e 15 filas de apenas três linhas de tijolos na sua frente; estes assentam em pedras de pequena a média dimensão unidas por argamassa de cal contendo grande quantidade de pequeníssimos seixos, idêntica à que foi utilizada na parede Sudoeste.

Na outra metade da capela, junto ao arco de entrada, prosseguiu-se com a escavação. Sob o referido depósito [700], reconheceu-se um pavimento em terra batida e cal, pouco homogéneo [703], que deverá corresponder à mais recente fase de ocupação da capela na primeira metade do século XX. Seguiu-se a escavação de um sedimento [705], com muitos seixos de pequena dimensão e nódulos de argamassa, que datará da mesma época, incluindo material contemporâneo, mas também fragmentos de azulejos hispano-mouriscos baixo-medievais e outros do século XVII, fragmentos de vidro e ossos humanos dispersos. Foi identificada uma estrutura negativa aberta de forma aleatória [704], preenchida com sedimento idêntico, que deverá resultar de “caça ao tesouro” numa época em que este espaço estaria em ruína.

Seguem-se os níveis de épocas mais recuadas (Fi-

gura 8). Ao centro, [706] e [707], parecem estratos equivalentes de um lado e outro da referida fossa [704], compondo-se de sedimento castanho de grão médio muito compacto, com pedras de pequena e média dimensão, além de um azulejo hispano-mourisco, cerâmica esmaltada branca, cavilhas em ferro, dentes e ossos humanos desarticulados e restos de fauna. O perfil rectangular bastante regular da área que preenchem corresponde, por certo, a um antigo enterramento coberto por lápide de sepultura, que entretanto desapareceu, sedimento que não foi escavado. É bastante sugestiva a referência documental ao enterramento do bispo de Cabo Verde D. Frei Sebastião da Ascensão em 1614, “na igreja do Rosário junto ao altar de São Sebastião”, provável referência ao orago da capela agora revelada (Carreira, 1985: 44-45).

Já nas laterais desta área da capela reconheceram-se três níveis de piso feitos com argamassa de cal, separados por estrato com sedimento castanho-escuro, cuja correlação nos parece evidente (Figura 9). Assim, [709], no canto Este, e [714], junto ao canto Sul, pertencerão ao piso mais recente de utilização desta capela como espaço de culto, sendo o mais destruído. Após o fino sedimento [710], apenas visível no canto Este da capela, segue-se novo piso de características idênticas, representado por [711] a nascente e [717] a poente, sendo que neste último articula-se com uma fiada de negativos de tijolos [715], que existia junto à parede Sudoeste. Já abaixo do sedimento [712], preservado sobretudo junto à entrada da capela, onde é mais espesso, do que próximo ao altar, onde é mais fino, detectámos o piso mais antigo descoberto nesta intervenção, sensivelmente ao mesmo nível da parte inferior do chanfro do arco de entrada na capela, pelo que poderá ser o primitivo, de que subsiste [713], visível junto ao altar e na entrada a nascente, e [719], do lado poente. De destacar que estes pavimentos mais antigos foram rasgados de um e outro lado da capela, em duas valas a poente e uma a nascente, de pequena dimensão e ovaladas, possivelmente para enterramento de crianças, pertencendo às primeiras o sedimento [720], que não foi escavado.

Em suma, esta capela funcionou com o primitivo espaço de culto aqui erguido, articulando-se muito provavelmente com a capela abobadada e sobreposta pela torre sineira a que já fizemos referência, de finais do século XV. É provável que esta seja coeva da estruturação do primitivo núcleo do bairro de São Pedro, com as referidas ruas Direita, Banana e Carreira.

É, contudo, impossível reconhecer a planta deste edifício com os dados de que dispomos, mas é forçoso incluir as duas capelas laterais da actual igreja como fazendo parte do primitivo edifício, que assim não deveria ser simplesmente uma pequena nave perpendicular à actual. Mais certo é que, entre este último momento e o enterramento do bispo D. Frei Sebastião da Ascensão, em 1614, foi seguramente realizada a reformulação da capela – provavelmente dedicada a São Sebastião –, com o engrandecimento do altar e sua nobilitação através do piso sobrelevado que o rodeia, anulando-se e reutilizando-se elementos pertencentes à estética anterior baixo-medieval; novo piso será coevo do enterramento do prelado dominicano. É impossível esclarecer até que época se utilizou este espaço, momento em que se terá operado a trasladação da sepultura e lápide do bispo para a nave principal, onde se encontrava antes desta intervenção. O seu fim estará relacionado com deslizamentos de sedimentos da encosta a Norte da igreja, problema detectado aquando do restauro dos anos de 1960 e novamente verificado agora.

Outra intervenção arqueológica realizada no âmbito da obra de restauro desta igreja foi o acompanhamento arqueológico da remoção dos degraus de acesso ao adro a partir da rua da Carreira, que se constituíam de lápides de sepulturas reaproveitadas, com más condições de acesso. Foi possível recuperar três deste tipo de elementos, destacando-se um exemplar fracturado em várias partes, transferido para o Museu de Arqueologia (na Praia), que constava de gravação nas duas faces pertencente ao mesmo indivíduo, João Alemão, falecido em 1524, morador e armador em Santiago, proprietário de terras em São Martinho, único oficial que acumulou as funções de capitão da Ribeira Grande e corregedor das ilhas (Santos e Cabral, 1991: 402). Paralelamente, foi possível recolher um conjunto de materiais depositados abaixo dos degraus: se na parte inferior e superior da escadaria se detectaram estratos com materiais contemporâneos, [750] e [751], foi possível reconhecer também níveis com espólio que não superava o século XVIII, [752] e [753], incluindo muitos ossos humanos, num dos casos em articulação. O espaço poderá ter sido usado como necrópole até esta data, sendo depois sobreposto pela referida escada, que aproveitou lápides de sepultura que estariam dispersas no interior da igreja, então seguramente em franca ruína. Superou-se, assim, um problema encontrado nas intervenções realizadas aqui a partir

de 1969 e de 2000, a primeira pelo governo colonial português, visando a constituição de um futuro Museu Lapidar e Arqueológico, a segunda pela Cooperação Espanhola em Cabo Verde, que ao invés terá levantado, acrescentado e remobilizado sem critério as lápides existentes no interior do espaço de culto (Mariz, 2013: 7 e 9).

#### 4. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

No domínio da educação patrimonial destacam-se dois tipos de acções: por um lado, uma actividade no Museu de Arqueologia, na Praia, no âmbito do seu programa de serviço educativo; por outro, visitas às áreas de escavação, na Cidade Velha, no quadro dos trabalhos arqueológicos em desenvolvimento.

A primeira iniciativa dirigiu-se aos alunos da Escola Técnica Grão Duque Henri da Assomada, frequentando o 10º ano, totalizando uma centena de alunos. Visava essencialmente o conceito de património arqueológico como instrumento para o conhecimento da história de Cabo Verde e das suas relações com o mundo, fornecendo informações sobre os principais sítios do arquipélago e o seu significado para a investigação sobre o passado. Ao mesmo tempo, a iniciativa pretendia explorar as práticas arqueológicas, desde o processo de escavação, ao registo, construção de conhecimento e musealização, tanto em ambiente terrestre, como subaquático. Foram assim criados quatro *ateliers*, visando dar corpo a estes objectivos. O primeiro procurava recriar uma escavação arqueológica em meio terrestre numa caixa de areia, onde se reproduziam diferentes momentos de ocupação, plasmados numa estratigrafia claramente apreensível, bem como a sua relação com estruturas (uma lareira) e materiais (cerâmicas, restos faunísticos); os alunos foram convidados a fazer essa escavação estratigráfica e registar as suas diferentes fases (Figura 10). O segundo pretendia demonstrar a utilização de equipamentos de mergulho, projectando-se o seu emprego em meio subaquático. Em terceiro lugar, os alunos foram estimulados a proceder à colagem, marcação e registo (desenho e fotografia) de materiais arqueológicos, bem como ao seu inventário, tanto em meio terrestre como subaquático, como forma de integrar o património arqueológico nos museus, seja em reserva ou em exposições abertas ao público. Por fim, a última acção consistia numa visita à sala principal do museu de arqueologia, procurando-se articular objectos e a história cabo-verdiana,

integrada no mundo global, sobretudo através dos diferentes naufrágios identificados no país, incluindo objetos utilizados no quotidiano a bordo, instrumentos de navegação, equipamentos bélicos (armas de fogo), contentores de transporte e fauna ictiológica e mamalógica. Seguiu-se o guião da exposição permanente do museu. Estas acções socioeducativas auxiliam o museu na melhoria da sua comunicação com o público, promovendo actividades complementares à educação formal, permitindo que os seus visitantes/estudantes, de diferentes faixas etárias, alarguem o seu conhecimento, ao mesmo tempo que se dinamiza o Museu de Arqueologia.

Quanto à segunda iniciativa, procurou-se levar alunos de diferentes idades a conhecer a primeira cidade cabo-verdiana, Ribeira Grande de Santiago, o sítio arqueológico de maior relevância nacional, também património cultural da humanidade. Além de assinalar os principais monumentos, fizeram-se visitas aos três locais de intervenção arqueológica recente, o sítio arqueológico da igreja de Nossa Senhora da Conceição, a habitação da Rua da Banana e a capela da igreja de Nossa Senhora do Rosário (Figura 11). Contaram-se com uma centena de alunos do 3º ano do Ensino Básico Integrado do Centro Educativo Miraflores, da cidade da Praia, adaptando-se naturalmente o discurso para os diferentes públicos. Além de transmitir a história dos principais edifícios e monumentos e do seu papel na história da cidade, procurou-se difundir a importância do património invisível, arqueológico, que se esconde debaixo de terra e do mar. O papel da arqueologia e dos arqueólogos também foi explicado, como um veículo para recuperar e estudar a história e o património de Cabo Verde.

## 5. CONCLUSÕES

Os trabalhos arqueológicos que aqui se transmitiram, num balanço naturalmente preliminar, acrescentam elementos pontuais para o conhecimento da antiga Ribeira Grande, principal aglomerado urbano de Cabo Verde nos primeiros dois séculos de ocupação e grande sítio arqueológico património da humanidade, que há décadas vem sendo intervencionado pontualmente sem um enquadramento global efectivo dessas diversas actividades. De sublinhar que, no decurso deste projecto, alguns de nós se envolveram num outro projecto, o de carta arqueológica da Cidade Velha, coordenado por Jaylson Monteiro

e Nireide Tavares, financiado pelo Gabinete do Ensino Superior, Ciência e Tecnologia do Ministério da Educação de Cabo Verde no âmbito de um concurso competitivo, que constitui um passo decisivo na construção de uma estratégia nacional para a gestão e salvaguarda deste importante legado.

As escavações levadas a efeito no contexto do projecto CONCHA permitiram recuperar uma pequena parcela do urbanismo da antiga Ribeira Grande, na verdade uma casa de sobrado que se intui de grandes proporções no contexto local, de fundação ainda impossível de determinar, mas que terá sido abandonada no ocaso desta cidade, quando a capital foi transferida para a Praia e boa parte dos seus mais importantes proprietários, que possuíam ainda aí habitações mau grado a decadência que se vinha verificando há um século, a deixaram por completo, votando-a à ruína. Naquele domínio, é interessante assinalar que o nível de piso setecentista da casa, detectado nesta extremidade setentrional da rua da Banana, se encontra a mais de um metro de profundidade face ao solo actual, o que é bem revelador de como, pelo menos nesta área baixa da cidade, os vestígios da antiga capital do arquipélago se encontram ainda guardados no seu subsolo.

No que toca à igreja de Nossa Senhora do Rosário, uma das mais antigas do arquipélago e que se encontra ainda em uso, foi importante a participação numa verdadeira acção de minimização de impactes sobre o património arqueológico durante a obra pública de conservação e restauro do edifício. Destaque para a proveitosa articulação com o director da intervenção, arquitecto Adalberto Tavares, tanto nas várias etapas do trabalho, como nas soluções de musealização; com Artur Jaime Duarte, que aqui se encontrava em iniciativa da Universidade de Aveiro, fez-se a conservação da capela objecto de escavação, depois musealizada. Do ponto de vista arqueológico, foi, pois, possível descobrir e caracterizar mais um elemento importante da primitiva estrutura do edifício religioso, a capela de São Sebastião, nas suas duas mais importantes fases de ocupação: uma primitiva, que será coeva da fundação de finais do século XV, outra de finais de Quinhentos ou inícios da centúria seguinte, conectada com a integração da sepultura de D. Frei Sebastião da Ascensão no seu tempo em Cabo Verde. É também relevante sublinhar o resgate de informação sobre a história do edifício e da cidade através dos testemunhos epigráficos, que não foram objecto deste texto.

Por fim, decisiva foi a participação de vários agentes locais durante a escavação, bem como as acções de sensibilização e divulgação do património arqueológico cabo-verdiano, tanto no sítio arqueológico, como no Museu de Arqueologia, na Praia, que aguarda ainda uma acção que potencie o seu importante acervo como testemunho material da história nacional nos seus vários domínios e cronologias. Pela participação e empenho das centenas de estudantes envolvidos nestas iniciativas dir-se-ia que, estando ou não na moda, a arqueologia tem futuro e se pode esperar um destino risonho para *nos patrimóniu*.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Mariana (2018) – The 17<sup>th</sup>-century tile panorama in the island of Santiago, Cabo Verde: a first approach to a work in progress. In Pereira, Sílvia, Menezes, Marluce & Rodrigues, José Delgado – *Glaze Art 2018 International Conference: Glazed Ceramics in Cultural Heritage*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, pp. 283-297.
- AMARO, Clementino (2012) – Sé da Cidade Velha, República de Cabo Verde, Resultados da 1<sup>a</sup> fase de campanhas arqueológicas. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José eds. – *Velhos e Novos Mundos: Estudos da Arqueologia Moderna*. Lisboa: CHAM, vol. I. pp. 451-464.
- BALENO, Ilídio Cabral (1991) – Povoamento e Formação da Sociedade. In ALBUQUERQUE, Luís de & SANTOS, Maria Emília Madeira, coord. – *História Geral de Cabo Verde*, vol. I. Lisboa & Praia: Instituto de Investigação Científica Tropical & Direcção-Geral do Património Cultural de Cabo Verde, pp. 125-177.
- CABRAL, Iva (1995) – Ribeira Grande: Vida Urbana, Gente, Mercancia e Estagnação. In SANTOS, Maria Emília Madeira, coord. – *História Geral de Cabo Verde*, vol. II. Lisboa & Praia: Instituto de Investigação Científica Tropical & Instituto Nacional de Cultura de Cabo Verde, pp. 225-273.
- CÁCERES GUTIÉRREZ, Yasmina; DE JUAN ARES, Jorge (2002) – La Historia de Cabo Verde a través uno de sus edificios emblemáticos: la excavación del convento de San Francisco (Cidade Velha, Cabo Verde). In *Actas del IV Coloquio Internacional de Estudios sobre África y Asia*. Málaga: Diputación Provincial de Alicante / Editorial Algazara, pp. 209-229.
- CARREIRA, António, ed. (1985) – *Notícia corográfica e cronológica do bispado de Cabo Verde desde o seu principio até o estado presente*. Lisboa: Instituto Caboverdeano do Livro.
- DE JUAN ARES, Jorge; CÁCERES GUTIÉRREZ, Yasmina (2000) – Restabelecendo o passado: investigações arqueológicas na Fortaleza Real de São Filipe. In *Cabo Verde: fortalezas, gente e paisagem*. Madrid: Agencia Española de Cooperación Internacional, pp. 133-162.
- EVANS, C.; SØRENSEN, M. L. S.; RICHTER, K. (2012) – Excavation of one of the earliest Christian churches in the tropics: N.ª S.ª da Conceição, Cidade Velha, Cape Verde. In GREEN, T.; NAFAFÉ, J. Lingna, eds. – *Brokers of change: Atlantic commerce and cultures*. London: British Academy, pp. 173-192.
- MARIZ, Vera Félix (2013) – Cabo Verde no programa de salvaguarda do património português ultramarino – o caso da igreja de Nossa Senhora do Rosário (1962-1974). In *Atas do Colóquio Internacional Cabo Verde e Guiné-Bissau: percursos do saber e da ciência*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.
- PEREIRA, Daniel (2009) – *Marcos Cronológicos da Cidade Velha*. 2ª edição, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- PIRES, Fernando de Jesus Monteiro dos Reis (2007) – *Da cidade da Ribeira Grande à Cidade Velha em Cabo Verde: análise histórico-formal do espaço urbano (séc. XV – séc. XVIII)*. Praia: Universidade de Cabo Verde.
- PIRES, Fernando & FERNANDES, José Manuel (2010) – Igreja de Nossa Senhora do Rosário. In MATTOSO, José, dir. – *Património de Origem Portuguesa no Mundo: arquitectura e urbanismo*, vol. África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 311.
- SANTOS, Carlos Emanuel Sousa da Cruz dos (2015) – *A Cidade da Ribeira Grande, Cabo Verde: Urbanismo e Arquitectura (Séculos XV a XVIII)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (tese de doutoramento).
- SANTOS, Maria Emília Madeira & CABRAL, Iva (1991) – O Nascer de uma Sociedade Através do Morador – Armador. In ALBUQUERQUE, Luís de & SANTOS, Maria Emília Madeira, coord. – *História Geral de Cabo Verde*, vol. I. Lisboa & Praia: Instituto de Investigação Científica Tropical & Direcção-Geral do Património Cultural de Cabo Verde, pp. 371-430.
- SANTOS, Maria Emília Madeira & SOARES, Maria João (1995) – Igreja, Missionação e Sociedade. In SANTOS, Maria Emília Madeira, coord. – *História Geral de Cabo Verde*, vol. II. Lisboa & Praia: Instituto de Investigação Científica Tropical & Instituto Nacional de Cultura de Cabo Verde, pp. 359-508.
- SØRENSEN, M. L. S.; EVANS, C.; RICHTER, K. (2011) – A place of history: Archaeology and heritage at Cidade Velha, Cape Verde. In LANE, P. J.; MacDONALD, K.C., eds. – *Slavery in Africa: Archaeology and Memory*. Oxford: Oxford University Press, pp. 421-442.
- TAVARES, Nireide Pereira (2017) – *Inventário Arqueológico de Cabo Verde: contributo para uma ferramenta de gestão e valorização do Património Cultural*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (dissertação de mestrado em Arqueologia).



Figura 1 – A cidade da Ribeira Grande de Santiago, com indicação das áreas de intervenção arqueológica em 2018-2020 e demais sítios mencionados no texto.



Figura 2 – Plano final da escavação da habitação na intersecção das ruas Direita e da Banana.



Figura 3 – Espaço residencial da habitação na intersecção das ruas Direita e da Banana, vendo-se a área entre os muros [901], [902] e [903].

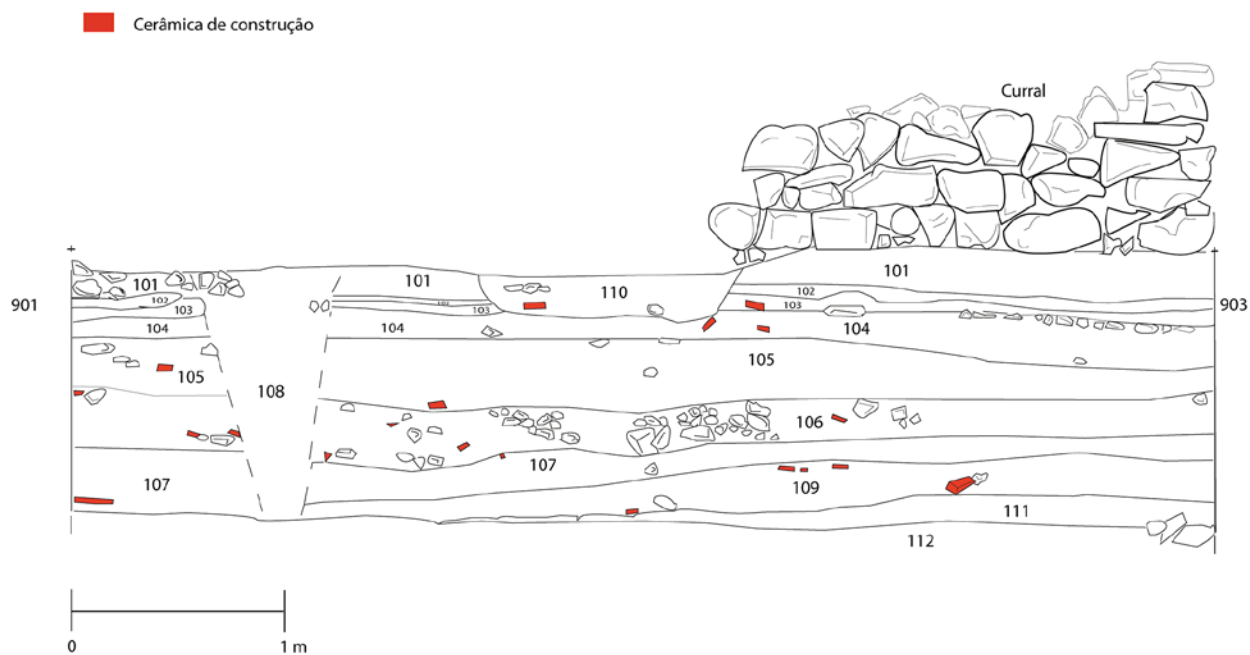


Figura 4 – Perfil Noroeste do espaço residencial da habitação na intersecção das ruas Direita e da Banana, entre os muros [901], [902] e [903].



Figura 5 – Espaço de traseiras da habitação na intersecção das ruas Direita e da Banana, vendo-se a área entre os muros [903], [904], [905] e [906].

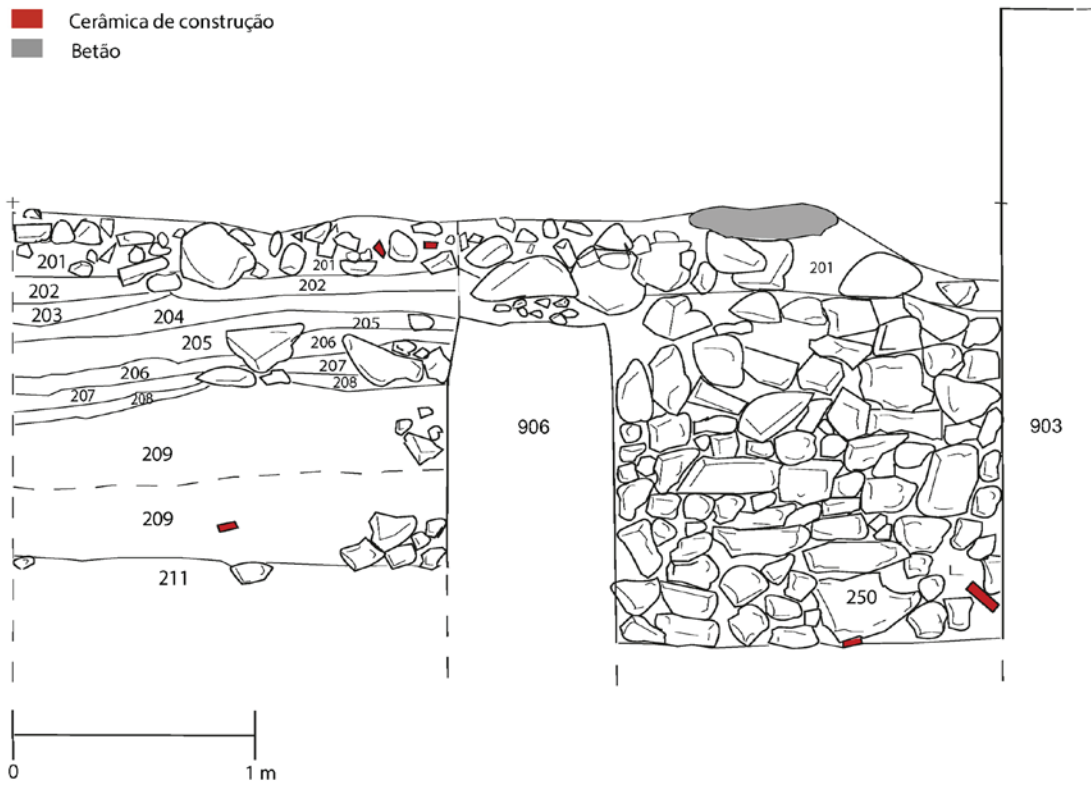


Figura 6 – Perfil Sudeste do espaço de traseiras da habitação na intersecção das ruas Direita e da Banana, entre os muros [903], [904], [904] e [906].



Figura 7 – Capela escavada na igreja de Nossa Senhora do Rosário, a partir da nave.

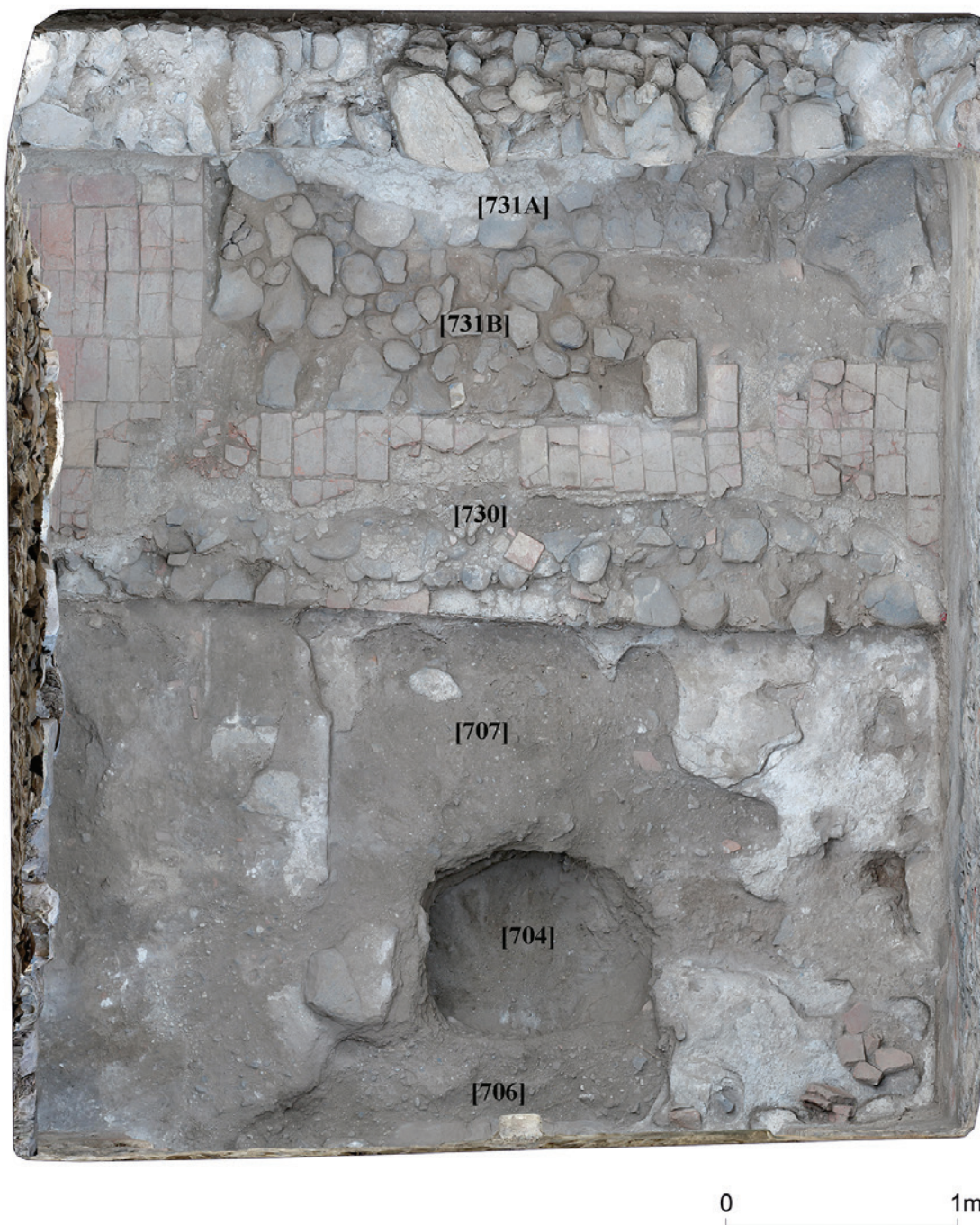


Figura 8 – Plano intermédio da escavação da capela da igreja de Nossa Senhora do Rosário.



Figura 9 – Plano final da área de pisos de argamassa junto às paredes Nordeste e Sudeste da capela da igreja de Nossa Senhora do Rosário.



Figura 10 – Recriação de escavação arqueológica em meio terrestre no Museu de Arqueologia, Praia, em visita da Escola Técnica Grão Duque Henri, Assomada.



Figura 11 – Visita dos alunos do jardim de infância Arco-Íris, Praia, à capela da igreja de Nossa Senhora do Rosário da Cidade Velha.



**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

**MAC**  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

**CITCEM**  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

**U** PORTO  
FLUP FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

**musaji**  
municipal do porto

